

O NÚCLEO DE HUMANIZAÇÃO, ARTE E SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA DE PRODUÇÃO SOCIAL DE SAÚDE

The humanization, arts and health nucleus: a collective experience of social production of health

Walter Ferreira de Oliveira¹

Artigo encaminhado: 15/03/2016
Aceito para publicação: 16/06/2016

RESUMO: Este artigo apresenta a estrutura e a experiência promovida pelo Núcleo de Humanização, Arte e Saúde (Nuhas) da Universidade Federal de Santa Catarina. Com uma base interdisciplinar e uma visão ampliada de saúde, o Nuhas abriga vários projetos que proporcionam atenção direta a usuários do SUS. Além disso, funciona como um campo de práticas humanizadoras para estudantes e membros da comunidade da Grande Florianópolis.

Palavras-chave: Humanização; Arte; Promoção de saúde; Palhaçoterapia.

ABSTRACT: This article introduces the Humanization, Arts and Health Nucleus, of the Federal University of Santa Catarina, in Southern Brazil. Using an interdisciplinary basis and an amplified concept of health and the Nucleus coordinates several projects which offer direct care to users of the Brazilian Unified Health System (SUS) and functions as a field of humanizing practices for students and community members living in the Greater Florianópolis, the capital of the State of Santa Catarina.

Keywords: Humanization; Arts; Health promotion; Clowntherapy.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Humanização, Arte e Saúde – Nuhas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem a participação de professores, membros da comunidade e estudantes de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, com predominância das áreas da saúde e das ciências humanas. O Núcleo utiliza a arte como elemento de transformação de hábitos e comportamentos, visando fortalecer a intervenção social e cultural e como ferramenta para promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida. Para isso, integra diversos projetos, funcionando como um catalizador de reflexões, de construção de conhecimento e de compartilhamento de metodologias, e expandindo visões adquiridas através das

¹ Doctor of Philosophy (Ph.D.), Social and Philosophical Foundations of Education Program - University of Minnesota. Professor do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina e Presidente da Associação Brasileira de Saúde Mental. walteroliveira.ufsc@gmail.com

vivências propiciadas no contexto destes projetos.

O Núcleo visa fomentar a criatividade, o domínio de teorias e técnicas ligadas ao uso do corpo, à expressão, às artes e à utilização de processos culturais e, a partir destes elementos, atuar terapêuticamente, promovendo a qualidade de vida, a humanização e o bem-estar social. São marcos teórico-conceituais as artes e a Humanização na saúde, incluindo a Política Nacional de Humanização. Finalidades incluem o desenvolvimento pessoal, interpessoal e profissional dos participantes e o aperfeiçoamento do sistema de saúde como um todo.

Entre as ações realizadas pelo NUHAS encontram-se cursos, oficinas, palestras e participações em eventos científicos, artísticos e culturais. Estas ações são operacionalizadas no contexto de atuação de três projetos: Humanizarte, Terapeutas da Alegria e Ateliê Nuhas. O projeto inicial, entretanto, foi o Terapeutas da Alegria, a partir do qual toda a estrutura do núcleo se desenvolveu. O objetivo deste texto é contar esta história de forma sintética, tecendo considerações sobre os significados do projeto para diversos atores, conforme apreendidos pelo coordenador do Núcleo no decorrer de sua existência.

2 O PROJETO TERAPEUTAS DA ALEGRIA

Em 2007 a pedagoga Rosiléa Rosa, então docente da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC, propôs que o Projeto Terapeutas da Alegria, que coordenava no campus Pedra Branca da Unisul fosse adotado pela UFSC. O projeto foi registrado como ação de extensão do Departamento de Saúde Pública da UFSC e integrou, além da profa. Rosiléa e do professor coordenador da UFSC, o Dr. Thiago Demathé, médico pediatra que ajudou a criar o projeto, anteriormente, em Tubarão, SC e o estudante Gustavo Tanus, da Unisul. Com esta equipe o TA promoveu sua primeira seleção, abrindo vagas para 40 voluntários que passaram a se preparar para assumirem a identidade de Dr. Palhaço e passarem a visitar crianças internadas no Hospital Infantil Joana de Gusmão, em Florianópolis.

A filosofia adotada pelo TA na UFSC seguiu a do projeto-mãe da Unisul. Os voluntários seriam treinados para desenvolver seus personagens (Dr. Palhaço) e após terem este personagem desenvolvido, o que se simbolizava pelo ganho do nariz vermelho de palhaço, estariam aptos a proceder às visitas, supervisionados pelos coordenadores tanto diretamente nas visitas quanto em reuniões semanais

de avaliação.

Não foi considerado necessário que os voluntários fossem artistas ou palhaços profissionais. O objetivo não é uma performance de circo ou de teatro, mas uma visita onde a personagem busca oportunidades para trazer à pessoa internada momentos de alegria e conforto, às vezes apenas o benefício da presença, quebrando a solidão e a sensação de desvalidez, tão comuns nas situações de internação hospitalar. Mais importante que a formação profissional de artista é o desenvolvimento de uma sensibilidade, da solidariedade, da empatia e a entrega ao compromisso com a pessoa enferma, com seus familiares, com as pessoas que os amam. A base artística volta-se para estes fins, mas não é um fim em si.

Diante destes desafios o projeto TA se estruturou através de oficinas de formação que são obrigatórias para todos os voluntários e que ocorrem durante um semestre letivo antes do participante ir a campo. Após este período o participante ganha seu nariz e começa a participar de visitas em um grupo de “veteranos”, aqueles que já estão praticando as visitas, com a liderança de um Coordenador de Visita, um membro mais experimentado que é responsável pelos procedimentos de visita e atua como mediador, estando ele(a) mesmo(a) caracterizado como Dr(a) Palhaço(a). No início, os grupos eram poucos e coordenados pelos próprios coordenadores do projeto, mas à medida que este se expandiu mais coordenadores foram sendo formados e mais grupos passaram a existir.

Em 2010 o grupo deixou de visitar o Hospital Infantil, por questões de mudanças na orientação do hospital quanto aos trâmites burocráticos e passou a visitar o Hospital universitário (HU) da UFSC. A mudança foi, de certa forma, benéfica, do ponto de vista logístico, já que não exigia mais deslocamento de longa distância e superava dificuldades como local para se vestir a caráter, que nem sempre era facilitado no HI. Era comum que os TA fossem semi-caracterizados no trajeto de ônibus entre a UFSC, onde geralmente se encontravam após as aulas e o HI. Os trâmites burocráticos no HU eram necessários, mas ficou mais fácil negociá-los pela proximidade, os estudantes tinham muito mais facilidade de acesso e os problemas se resolviam com mais agilidade.

Com a mudança, o TA passou a receber também treinamento da própria equipe do HU sobre questões relativas a contaminação e procedimentos preventivos, entre outros. A esta altura o projeto já ganhava visibilidade tanto frente

à comunidade acadêmica quanto na comunidade em geral e foi consolidando ritos de passagem, estruturas de funcionamento e conquistando espaços concretos e simbólicos dentro do contexto universitário.

Assim, o TA consolidou sua maneira de formação, agora integrada ao Nuhas, mas ainda com a mesma lógica inicial. É uma formação essencialmente prática, com base em oficinas de dinâmicas e em desenvolvimento do personagem Dr. Palhaço, que realiza visitas semanalmente, em grupos, atualmente em quatro enfermarias do HU, uma de pediatria e três de adultos (Clínica Médica, Clínica Cirúrgica e Ginecologia-Obstetrícia). O nariz continua sendo ganho após ao final do primeiro semestre e o Terapeuta da Alegria tem uma formatura ao final de dois semestres, quando ganha um certificado.

Após dois semestres os TA podem permanecer como voluntários no projeto e muitos ficam. Em 2010 havia um grupo de veteranos do TA que queriam permanecer trabalhando juntos, promovendo saúde e qualidade de vida, estudando e discutindo os temas da humanização, arte e saúde, apresentando-se em eventos culturais e científicos, mas já não queriam funcionar apenas como palhaços. Nesta mesma época o projeto foi procurado pelo psicólogo Luiz Gonzaga Cardoso, do Serviço de Psicologia do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (IPq) que dirigia a sala de atividades do Centro Convivência Santana (CCS), onde habitam os moradores de longa permanência daquela instituição, ou seja, os que antes eram referidos como “crônicos” no sistema manicomial. O objetivo era que os TA fossem fazer apresentações no CCS.

Um dos pontos fundamentais na filosofia do TA é que o projeto não pretende ser essencialmente recreativo. O objetivo é a atenção humanizada no contexto do sistema de saúde, na perspectiva de pessoas que não estão necessariamente atuando como profissionais de saúde, mas exercendo um papel de agentes de saúde, por uma ação de empatia provocada por um vínculo volátil, porém potencialmente impactante. Além disso, ao interferir no ambiente hospitalar, os TA interagem com as equipes de trabalho, provocando reações e conscientemente buscam também este vínculo com intenção de influenciar positivamente para o processo de humanização na saúde. Por isto a formação visa não só capacitar os participantes do ponto de vista do desenvolvimento do ator-palhaço, mas também da apropriação de uma lógica conceitual cuja base teórica tem sido consolidada através das obras de Adams (1999), Boal (1977) Moreno (1984) e Toro (1988), entre

outros.

A proposta do psicólogo do IPq gerou, portanto, uma discussão interna que levou em consideração pelo menos três pontos: primeiro, era uma oportunidade de estender o trabalho do TA para além da ação do palhaço; segundo, esta oportunidade atendia um desejo do grupo de continuar atuando, mas em novas funções; terceiro, haveria que discutir com a instituição o papel do projeto, que não seria de trazer recreadores para entretenimento dos moradores do CCS. Mas ... seria o que, então?

3 O PROJETO HUMANIZARTE

Estávamos em 2010, três anos após a inserção do TA na UFSC. As discussões sobre a atuação no CCS do IPq apontaram a necessidade de um novo projeto, que deixasse claras as novas funções dos voluntários, diferentes dos TA. Surgiu assim o Humanizarte, com a mesma coordenação do TA, à exceção de Rosiléa Rosa e Gustavo Tanus, que trilharam novos caminhos profissionais. O grupo fundador era composto por Ana Luiza Nogueira Silva e Fernandes e Priscila Voigt, então estudantes de nutrição e Juliana Rego Silva, Márcio Jibrin e Marina Deschamps Silveira, de psicologia, todos da UFSC.

Sem total clareza sobre as novas funções, resolveu-se por uma abordagem construcionista. O serviço de Psicologia do IPq aceitou com entusiasmo que não teríamos o papel de recreadores, mas poderíamos construir um projeto junto com os moradores, uma forma de atenção humanizada, onde eles seriam elementos ativos, e não passivos, na construção das ideias. Firmamos então um contrato, onde o IPq se comprometia a garantir transporte, lanche para a equipe e local e materiais necessários ao trabalho (de forma limitada). O grupo trabalharia nos semestres letivos, sendo o primeiro semestre considerado experimental.

O grupo passou a visitar o CCS semanalmente e eventualmente batizou-se esta ação de Arte no IPq. A primeira forma de trabalho, escolhida em conjunto com os moradores, foi através do desenho. Utilizando tinta guache em papel pardo. Tal como no TA nossa atenção não estava voltada para o produto, mas para o processo, ou seja, mais importante que produzir um desenho para mostra a um público, estávamos observando como o trabalho poderia contribuir para o bem estar das pessoas e para o grupo como um todo. Optamos por uma criação coletiva, trabalhando em uma grande mesa, formada por uma grande mesa formada pela

junção das várias mesas menores existentes na sala de atividades da psicologia do IPq. Ali construíamos juntos, participantes do Humanizarte e moradores do CCS, o painel coletivo que ia se desenvolvendo a cada semana.

O público com quem trabalhávamos era formado em sua maioria absoluta por pessoas com alto grau de dependência, algumas cadeirantes, com grandes dificuldades de expressão e mobilização, seja devido aos problemas enfrentados como portadores de transtornos psíquicos, pela medicalização ou pela senectude. Começávamos o período de encontro com uma roda onde promovíamos um rito de encontro, através de alguma dinâmica e um contato com a corporeidade, através de alongamentos ou trabalhos de expressão corporal, dentro das limitações. Nesta roda inicial, era comum instalar-se o caos, com as pessoas internadas entrando e saindo, desconcentração, desorganização. Mas com o tempo notamos um progresso, até que chegamos a ter este rito bem organizado, o que se refletia também na mesa de construção do painel.

Esta construção também inicialmente refletia o nível de desorganização do grupo e aos poucos foi se transformando em um momento de encontro, conversas, troca de ideias que se refletiam ou não nos traços, cores e formas que eram criados com as tintas no papel. O resultado foi um grande e colorido painel, ainda hoje pendurado na parede da sala de atividades do IPq, mas outros resultados nos parecem tão importantes quanto esta obra. Um deles foi o desejo de alguns moradores de participar do projeto, organizando-se para estarem presentes semanalmente no horário estabelecido. Isto nos era trazido pela equipe de apoio que, inicialmente não tinha aproximação com nossos voluntários, mas que aos poucos se integraram também ao trabalho, de formas diferentes – mais solícitos, oferecendo mais apoio no traslado dos internos para o local, e outros sinais de aproximação.

Para os membros do Humanizarte o aprendizado foi enorme. A maioria não tinha jamais entrado em um ambiente asilar ou lidado com pessoas naquele nível de dependência. Enfrentando estes e outros desafios, desenvolveram vínculos com os moradores, propiciaram oportunidades de encontro, testemunharam o progresso do grupo. Com uma atitude profissional, cumprindo os horários e as visitas semanais, além dos encontros de formação continuada, o grupo compreendeu as possibilidades proporcionadas pela construção coletiva e que, mais importante que o produto, o processo de vida construtiva comum promovia, efetivamente, bem-

estar. O elemento gerador do bem-estar no grupo como um todo eram o encontro, a presença, o vínculo afetivo, as conversas, o compartilhamento de confidências, a construção da amizade, da camaradagem, como afirmava Laing (1973).

O projeto Arte no IPq, primeiro do Humanizarte, firmou-se desde então com várias ações planejadas sempre junto com os participantes do grupo como um todo. Após a construção do primeiro painel de desenho o projeto já trabalhou com produção de festa junina (2011), música (2012), dança e expressão corporal (2013) e teatro (2014).

Em 2012 outra ação desenvolveu-se no âmbito do Humanizarte, no Hospital Santa Teresa. Este antigo leprosário, fundado em 1940 pelo presidente Getúlio Vargas, transformou-se, eventualmente, em um hospital geral com foco em dermatologia, mas sua configuração, em forma de uma pequena vila, com ruas e casas para moradores, bem como sua proximidade do IPq (está no município vizinho, São Pedro de Alcântara, a alguns quilômetros e na mesma estrada) propiciou que moradores do IPq em condições de relativa independência fossem para ali transferidos. Renan Barros, então estudante de biologia da UFSC e membro do Humanizarte, sugeriu o projeto Horta com Arte, aceito com entusiasmo pelo então diretor do Santa Teresa o médico psiquiatra Henrique Tancredi. Com um pequeno grupo, Renan passou a trabalhar nos espaços abertos do Santa Teresa com os moradores interessados na construção de uma horta. A filosofia do Humanizarte foi mantida: o projeto foi elaborado com os moradores interessados, o privilégio sendo do processo, a construção em si é uma ferramenta para a produção social do bem-estar individual e coletivo. A aprendizagem do participante do Humanizarte é potencializada pelas reflexões sobre o processo e no aperfeiçoamento da ferramenta, o que acontece nas reuniões semanais de planejamento e formação continuada.

Entrementes o serviço de psicologia do IPq propôs que o Humanizarte passasse a atuar em uma de suas duas unidades de gestão participativa (UGP) onde residem os moradores chamados de semi-independentes. O objetivo explícito do Serviço é aproveitar possibilidades de desinstitucionalização destes residentes. Desde então, já sem a formação inicial, mas com a liderança de Renê Schleiniger dos Santos, então estudante de filosofia da UFSC, e participação de outros então estudantes como Bárbara Dias (psicologia) o Humanizarte vem atuando nesta UGP tendo já promovido oficinas de expressão corporal (2014) e fotografia (2015).

O trabalho do Humanizarte foi também requisitado por outros serviços e para ações pontuais e o projeto atende estas demandas sempre que possível. A condição é que a ação possa ser adequada à filosofia do projeto, que ofereça as condições necessárias à sua execução e que haja membros do projeto com tempo disponível para o planejamento e efetivação da atividade. Assim ocorreram o projeto Arte no CAPS Palhoça, em 2013, respondendo a convite da Profa. Gabriela Luiza Campos, da Unisul e então mestrande do Programa de Pós Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da UFSC. Ocorreram oficinas de dança, conforme decidido com as pessoas atendidas naquele CAPS, durante três semestres. A oficina levou a uma apresentação do grupo no Encontro Catarinense de Saúde Mental de 2013, tendo a Secretaria de Saúde de Palhoça uma presença como parceira. O projeto foi suspenso ao final deste período devido à ausência das condições mínimas de trabalho acordadas.

Outro projeto, iniciado em 2014, foi o Arte no CAPSi, por solicitação da Coordenadora do CAPS infant0-juvenil de Florianópolis, Fernanda Nicolazzi. Nesta ação os membros do Humanizarte atuaram nas oficinas lideradas pelos profissionais do CAPSi e oferecidas em grupos de crianças e adolescentes. O projeto não teve continuidade a partir do ano de 2015, mas não houve uma avaliação final em conjunto que proporcionasse uma visão do processo como um todo. Isto ocorreu embora não houvesse nenhum problema de relacionamento com a Coordenação ou com as pessoas que dialogavam com o Humanizarte representando as equipes.

Além destas, o Humanizarte atendeu diversas ações pontuais, apresentando-se em eventos atuantes da saúde, como a Semana da Fonoaudiologia, Encontros de Saúde em escolas do ensino médio e visitas a asilos de idosos, creches e outros estabelecimentos de saúde, alguns em conjunto com os Terapeutas da Alegria.

4 O NÚCLEO DE HUMANIZAÇÃO, ARTE E SAÚDE

Eventualmente percebeu-se uma dicotomia entre os dois projetos, TA e Humanizarte, que provocou reflexões sobre os objetivos comuns, as formas de atuar, a visibilidade e o entendimento dos membros dos dois projetos, dos líderes que vêm se formando em seu âmbito e dos candidatos à seleção. O projeto Terapeutas da Alegria, com a força de imagem dos palhaços e com o apelo de seus resultados diretos e imediatos ganhou grande visibilidade na comunidade

acadêmica e fora dela. As vagas disponibilizadas para novas entradas para os dois projetos, até hoje fixadas em 40 por semestre, eram ocupadas por uma maioria de candidatos ao TA e poucas por candidatos ao Humanizarte.

Em 2013 o grupo Humanizarte, ainda com presença de seus fundadores, reforçado pela psicóloga e arteterapeuta Luciana Cunha e pelos estudantes Flávio Madeira, de medicina e Mariane Comeli, de psicologia; e os líderes do TA, representados principalmente pelos coordenadores de visitas, entre eles Flávio Madeira, então estudante de medicina, Mariane Comeli, de psicologia e Monique Rocha, de nutrição criou uma nova estrutura, agora de caráter nuclear.

A estrutura de Núcleo é reconhecida pela Universidade Federal de Santa Catarina como uma concentração de docentes e discentes, de caráter interdisciplinar, com projetos estruturantes voltados para a realização de objetivos comuns. Desta forma, registrou-se, no âmbito do Departamento de Saúde Pública, o Núcleo de Humanização, Arte e Saúde (Nuhas), compreendendo principalmente dois projetos “guarda-chuva”: Terapeutas da Alegria e Humanizarte, mas aberto à inserção de novos projetos sob estes dois ou independentes.

O principal objetivo do Núcleo é contribuir para o bem estar e a a saúde da comunidade, para o desenvolvimento do SUS, e para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, ao estimular a participação dos estudantes e da comunidade em geral em um projeto de extensão universitária e propiciar que estes e os professores participantes envolvam-se em situações concretas de ensino e pesquisa viabilizadas pelas atividades de extensão vivenciadas no processo de interação entre universidade e sociedade.

Esquemáticamente podemos apresentar os seguintes objetivos:

1. Ações diversas utilizando a arte como ferramenta para a humanização e para a promoção da saúde;
2. Contribuir para o desenvolvimento do sistema de saúde;
3. Congregar professores, profissionais de saúde, estudantes e comunidade, em um esforço conjunto para a produção social da saúde;
4. Integrar ações, conhecimentos, reflexões e produtos realizados no âmbito de seus projetos;

5. Proporcionar oportunidades para associação entre ensino, pesquisa e extensão no âmbito de seus projetos;
6. Promover a humanização nos serviços de saúde utilizando a arte e a cultura como ferramenta terapêutica e de transformação social;
7. Estimular positivamente o desenvolvimento pessoal e interpessoal dos participantes do projeto;
8. Formar líderes que possam atuar como multiplicadores, aplicando os princípios terapêuticos e pedagógicos utilizados pelo grupo;
9. Ampliar a produção de conhecimento associando técnicas de corpo-expressão, arte e a idéia de Humanização à terapêutica e á promoção do bem estar.
10. Fomentar a divulgação dos resultados dos trabalhos do grupo em eventos e publicações científicas e culturais;

5 METODOLOGIA

O Núcleo trabalha na perspectiva de integrar os conhecimentos apreendidos e produtos realizados no âmbito dos projetos de extensão que congrega. Funciona, assim, como um catalizador, associando participantes dos diferentes projetos, buscando a compreensão das similaridades do trabalho na saúde, na perspectiva da humanização e da integralidade. O Núcleo atua na provisão de serviços diretos, através dos projetos: Terapeutas da Alegria, com vínculo desde 2007 com o Hospital Universitário - HU e em outras instituições, a convite; Humanizarte, no Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – Ipq e no apoio pedagógico ao Curso de Enfermagem da UFSC. Além disso projetos pontuais são realizados, a convite e quando o Núcleo tem disponibilidade.

Atividades específicas do Nuhas

1. Reuniões entre participantes dos diferentes projetos integrantes do Núcleo;
2. Supervisão de atividades dos projetos integrantes do Núcleo;
3. Supervisão de bolsistas, coordenadores de visitas, líderes de grupos e outros coordenadores de atividades dos projetos integrantes do Núcleo;

4. Formação de líderes para atuação nos projetos integrantes do Núcleo;
5. Reuniões de planejamento, administrativas e de preparação didático-pedagógica;
6. Grupos de estudos;
7. Organização de produção técnica e científica do Núcleo e de seus projetos integrantes.

6 FORMAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO NUHAS

Os participantes do Nuhas são estudantes, professores, profissionais de saúde e membros da comunidade, que trabalham nos projetos integrantes do Núcleo. Há um corpo específico, formado pelos coordenadores dos projetos, líderes e coordenadores de atividades dos projetos e outros participantes que optam por formar-se como líderes e futuros coordenadores e multiplicadores.

Os participantes dos projetos filiados ao Nuhas passam por processo de formação básico com duração de um semestre. Esta formação visa o desenvolvimento de conhecimentos sobre os ambientes específicos de atuação, domínio de técnicas ligadas à arte, expressão corporal e desenvolvimento de habilidades interpessoais e sociais. Esta formação inicial é de caráter geral, isto é, visa habilitar para engajamento em qualquer um dos projetos integrantes do Núcleo.

Durante a formação inicial os participantes podem, a critério da coordenação, participar de visitas, como observadores. Ao final do semestre o participante escolhe, então, o campo onde se dará sua atuação no segundo semestre de sua participação.

Já atuando no trabalho de campo, os participantes continuam em processo de formação, agora de caráter dual, parte no âmbito do projeto específico de sua atuação e parte nas atividades integrativas do Nuhas. Esta estratégia visa congrega todos os participantes de todos os projetos, não deixando que os grupos se isolem. A formação, neste nível, inclui reuniões semanais de práticas, planejamento e avaliação programática.

6.1 Público alvo

O projeto Núcleo de Humanização Arte e Saúde considera como público a ser atingido, os usuários do sistema de saúde que recebem atenção direta; seus familiares ou acompanhantes, que presenciam e muitas vezes toma parte

ativamente das ações; e os profissionais dos serviços, que recebem as visitas dos projetos filiados ao Núcleo e também entram em contato com as ideias, filosofia e práticas do projeto através das articulações do trabalho. Mas também são objeto do trabalho do Núcleo os participantes - estudantes e professores da UFSCe membros da comunidade - que, ao passarem pelo processo de formação, aprimoram seu papel como profissionais mais humanizados e humanizadores, e adquirem habilidades no manejo da arte como ferramenta para a promoção da saúde dos usuários e para o desenvolvimento do Sistema Único de Saúde.

7 AÇÕES ACADÊMICAS

O Nuhas visa beneficiar a formação dos estudantes proporcionando uma ponte entre aquilo que se estuda dentro da sala de aula e o que existe fora dela e fora da própria universidade, entre a teoria e a prática, entre a visão e a vivência, entre a possibilidade e a ação real. Embora não tenhamos ainda compartilhado dados em forma de pesquisas formais, é perceptível que os estudantes e membros da comunidade que participam do Núcleo veem sua formação como profissionais da área da saúde e de outras áreas mais humanizada e com um olhar diferenciado no que concerne às relações profissionais e interpessoais estabelecidas (SILVA, 2010). Uma vez que o Núcleo é aberto a vários cursos universitários, os participantes podem desfrutar de um olhar interdisciplinar, expandindo o horizonte de suas concepções (MICHEL, 2013).

Visando atender a essas demandas, buscou-se vínculo com o Departamento de Psicologia da UFSC, oferecendo campo de estágio para a disciplina de PPO (Pesquisa e Prática Orientada). O intuito é inserir os estagiários em campo com observações e participação nas atividades realizadas nas instituições atendidas pelos projetos no âmbito do Nuhas. Com o objetivo de conhecer a realidade e com isso ampliar o olhar dos estagiários, buscamos apresentar uma postura mais crítica e humanizada nas relações que o campo propicia.

O Curso de Enfermagem tornou-se, também, parceiro privilegiado do Núcleo, ao incorporar, desde 2014, o trabalho dos participantes em suas simulações de trabalho clínico. Este trabalho está, atualmente, em duas disciplinas de duas fases diferentes. É mais uma oportunidade para os membros do Nuhas de oferecer seu apoio a uma causa importante, da formação de seus próprios colegas (no caso dos

estudantes) e de aprender novas técnicas e novas formas de atuar no campo.

O Nuhas estrutura-se, assim, como corpo unificador de projetos diversos e oferece, para fins de integração destes, atividades teóricas e práticas, preparando os participantes para os trabalhos de campo; supervisão das atividades; formação complementar ao currículo acadêmico e à formação profissional; e apoia a produção intelectual e técnica que emerge da participação nas diversas atividades. Assim, exercita-se a aplicação da arte e da cultura para formação pessoal e profissional dos participantes, como subsídio ao trabalho junto à comunidade, como base de aprendizado teórico e como demonstrativo da indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

No âmbito acadêmico, o Núcleo tem produzido artigos científicos, livros e capítulos de livros, e já objeto de TCC de graduação no Curso de Medicina (MICHEL, 2013), de jornalismo e de especialização em saúde pública (DIAS, 2015). Promove a participação em encontros científicos nacionais e internacionais, já tendo sido contemplado com participações em IX Encontro Catarinense de Saúde Mental (minicurso), Semana de Extensão e Pesquisa da UFSC – Sepex 2010, 2011 (minicurso), e 2013 (Minicurso e estande), IX Congreso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos 2010, em Buenos Aires (oficina), VII e VIII International Congress of Qualitative Inquiry, na Universidade de Illinois, EUA – 2011 e 2012 (apresentação oral e pôster), III Congresso Brasileiro de Saúde Mental (Fortaleza, 2012), X Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrasco, Porto Alegre, 2012); e X Encontro Catarinense de Saúde Mental, Florianópolis (roda de conversa), em 2013. Em conjunto com este Encontro o Nuhas promoveu o I Encontro Nacional de Humanização, Arte e Saúde, em Florianópolis, 2013. Há apresentações previstas para a Sepex - UFSC e para o IV Congresso Nacional de Saúde Mental, a realizar-se em Manaus em 2014. Em 2013, na Sepex - UFSC, o Núcleo conquistou o prêmio de melhor estande da área da saúde.

Os dois projetos atuaram, neste período, em diversos eventos nacionais e internacionais. Ministraram oficinas, minicursos e palestras no Congreso internacional de Salud Mental y Derechos Humanos, promovido pela Universidad Madres de Plaza de Mayo, em Buenos Aires (2011 e 2012), no International Congresso of Qualitative Inquiry, na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, nos EUA (2012 e 2013), nos Encontros Catarinenses de Saúde Mental (2011, 2013 e 2015), no Congresso Brasileiro de Saude Mental (2012 em

Fortaleza e 2014 em Manaus,, no V Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em Goiânia (2015) e na Semana de Pesquisa e Extensão da UFSC (em todas as edições entre 2008 e 2015).

8 REFLEXÕES TEÓRICAS E SOBRE A PRAXIS

“Do ponto de vista axiomático o tema central para o avanço da sociedade ainda é o da humanização”. Esta frase, extraída da *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1968), continua tão atual quanto então. Mais recentemente, o tema da Humanização ganhou novo fôlego, principalmente no campo da saúde, a partir da constatação de que os serviços de saúde públicos e privados têm se apresentado aos olhos do público em geral, e mais do que se deseja, como caracteristicamente desumanizados. Isto se coloca aos atendimentos em geral, mas também mais especificamente nas relações entre pacientes e profissionais de saúde e com as instituições de saúde como um todo (DESLANDES, 2004).

Mas a de desumanização não se prende somente à área da saúde, tornou-se um tema dominante na cultura de nossa época, extensamente explorado na a produção científica, que tem apresentando reflexões sobre a busca de melhores relações humanas nos ambientes de trabalho (ORTEGA, 2008; RIFKIN, 1995). A desumanização das relações vem atingindo a sociedade como um todo, mediada por uma ordem social, econômica e cultural que não privilegia o ser humano, colocando o lucro, o mercado, a competitividade, as múltiplas formas de exclusão, acima dos valores “humanizantes”, entre os quais poderíamos citar a solidariedade, a colaboração, a inclusão social, a justiça, a afetividade nas relações, o respeito à diversidade, o cuidado com o outro, em suma, o respeito à vida e a busca de uma existência em harmonia social e em equilíbrio com a natureza. A nova ordem social e cultural se contrapõe vigorosamente a esta perspectiva humanizante e invade, de forma explícita ou sub-reptícia, espaços sociais, comunitários, de trabalho e de lazer (SANTOS, 2007). O resultado é um mundo que, em nossa perspectiva, cada vez menos promove valores comunitários, com prejuízo das relações afetivas e que tem levado o ser humano a uma existência que se revela muitas vezes estressante e infeliz.

Este caminho cultural da desumanização demanda ações voltadas para a humanização. Os campos da Saúde, das Ciências Sociais e das Ciências Humanas têm acumulado experiências de busca de humanização em seus universos

conceituais, nos ambientes de trabalho, em seus projetos junto à comunidade, na formulação de orientações e promulgação de políticas de alcance público e privado (HECKERT; PASSOS; BARROS, 2009). Estes campos lidam, hoje, com a perspectiva da transformação cultural, promovendo, no âmbito de suas influências, um movimento crescente pela utilização de processos com vistas à humanização das relações nos domínios do ensino, através das relações nos ambientes das instituições de ensino, e no que se refere a processos pedagógicos mais humanizados (FREIRE, OLIVEIRA & FREIRE, 2009). No âmbito da pesquisa, a contribuição cultural da área da saúde tem se dado através do aperfeiçoamento dos métodos levando em conta a humanização, e na proteção de participantes de pesquisas, cuidando para que estes tenham garantidos procedimentos humanizados (RAMOS, 2010).

A arte é uma dimensão da cultura que tem sido particularmente invocada na construção de processos de humanização. A questão da humanização passa, eventualmente, por uma busca de relações menos baseadas nos processos intelectualizados e mais voltadas para as trocas fundadas na empatia e na afetividade e, portanto, mais ligadas às emoções. Não se trata da eliminação da dimensão intelectual e sim de um equilíbrio maior entre razão e emoção com a potencialização das trocas afetivas, da empatia e do respeito pelas maneiras diversas de ser. Com base puramente na razão as relações correm o risco de se institucionalizar, normatizar e mecanizar. O caminho da humanização passa, portanto, pela desinstitucionalização, flexibilização e desmecanização das relações. A arte tem demonstrado ser um valioso instrumental para trabalhar nestas perspectivas (BOAL, 1977; FERREIRA, 2010).

No âmbito do Núcleo de Humanização, Arte e Saúde - Nuhas, entende-se que há necessidade de ações com vistas a promover a humanização em vários aspectos da experiência humana, sobretudo nas relações pertinentes ao trabalho e ao funcionamento dos grupos em geral. Este caminhar pode lançar mão de uma variedade de meios e a arte tem demonstrado um grande potencial. Justificando, desta forma, as iniciativas para instrumentalizar indivíduos, grupos e comunidades no sentido de refletir sobre as relações que se desenvolvem em seu cotidiano e buscar o aperfeiçoamento, e a maior humanização destas relações, através de processos artísticos e culturais.

Ao transpormos esta realidade ao meio universitário consideramos a área da

saúde como um sistema interdisciplinar de alta complexidade, onde ressaltam-se as tradicionalmente chamadas Ciências da Saúde e as Ciências Sociais e Humanas. Neste contexto o Nuhas busca atender algumas demandas atuando direta no campo, da saúde. Neste sentido o projeto Humanizarte atua no Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – IPq e o Terapeutas da Alegria (TA) busca propiciar aos internados do HU vivências que visam amenizar seu sofrimento.

Todavia, a utilização da arte e da cultura como ferramentas para proporcionar a humanização e, especificamente na área da saúde, ainda é considerada uma novidade. Ainda são incipientes as formas metodológicas que facilitem que as experiências com a arte e a cultura para a saúde possam ser compartilhadas, potencializando seu impacto na formação de estudantes universitários e membros da comunidade, para que estes possam aplicar estas ferramentas em suas práticas cotidianas, nas. Neste sentido, o Nuhas, integrando os participantes de seus vários projetos, evita a, em seu território de ação, a fragmentação de ideias relativas aos temas estruturantes, aproveitando o potencial de trocas de experiências, de promoção de reflexões e a produção conjunta de conhecimento. Ao final, o Núcleo de Humanização, Arte e Saúde abre espaços importantes para a produção coletiva de um sistema de saúde mais justo, mais afetivo e humanizado.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, P.; VAN AMERONGEN, J.; WILLIAMS, R. **Patch Adams: o amor é contagioso**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- DESLANDES, S.F.. **Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1):7-14, 2004.
- DIAS, B.Z.R. **A paisagem não muda: narrativas de moradores de uma unidade de gestão participativa psiquiátrica**. Monografia de conclusão. Curso de Especialização em Saúde Pública. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- FERREIRA, C. **Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos**. *Educação Pesquisa*, vol.36, n.1, p. 261-280, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, P.; OLIVEIRA, W.F. & FREIRE, A.M.A. **Pedagogia da Solidariedade**. Imbituba: Villa das letras, 2009.

HECKERT, G.; PASSOS, R.; BARROS, S. **Um seminário dispositivo: a humanização do Sistema único de Saúde (SUS) em debate**. *Interface, Comunicação, Saúde & Educação*. Botucatu, SP, v. 13, n. 2, p.493-502, 2009.

LAING, R D. **O eu dividido**. Estudo existencial da sanidade e da loucura. 5ª Ed. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

MICHEL, I.B. **Sorrindo para buscar-te**. Análise do Impacto do Projeto Terapeutas da Alegria entre integrantes do Projeto. Trabalho de Conclusão de Curso de Medicina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MORENO, J L. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.

OLIVEIRA, W.F. et. al. **Promovendo a humanização através da arte**. In: Anais Sepex. Florianópolis: UFSC: 2010.

ORTEGA, F. **O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

RAMOS, S. Comitês de ética em pesquisa com seres humanos: os desafios contemporâneos. In: CAPONI, S. et al. **Medicalização da Vida: Ética, Saúde Pública e Indústria farmacêutica**.p. 344-358. Palhoça: Unisul, 2010.

RIFKIN, J. **The end of work**. Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1995.

SANTOS, B.S. **Para uma revolução democrática da justiça**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. R. **Arte e saúde mental: relatos de uma experiência humanizadora**. Apresentação no IX congresso internacional de salud mental y derechos humanos, Buenos Aires, 18 a 21 de novembro, 2010.

TORO, R. **Projeto Minotauro**. Abordagem terapêutico do sistema biodanza. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.

